

DIREITO E ARTE – A MULHER NA OBRA DE CHICO BUARQUE

Ana Louzada

Juíza do Distrito Federal. Presidente da Comissão de
Direito de Família e arte do IBDFAM Nacional
Professora de Direito de Família da Escola Superior da
Magistratura do Distrito Federal-ESMA

O Direito de Família deve ser lido, compreendido e até mesmo desconstruído por meio da vida cotidiana. A arte de cada época expressa, com plenitude, os anseios e o modo de vida de cada sociedade. É por meio da vida que o direito se constrói e a arte é mais uma ferramenta a seu serviço. É imprescindível que o operador do Direito esteja atento às mudanças sociais, que muitas vezes vêm expressas na arte antes mesmo de se traduzir em lei ou jurisprudência.

Para moldar o *decisum* à base fática, o operador do Direito vai tratar cada dispositivo legal como um significante submetido à teleologia do sistema. A exemplo da noção de arte contemporânea, em que a obra é tratada como um signo que vai proporcionar um espaço de interação com o intérprete, dando margem a uma criação de sentido calcada na própria bagagem cultural deste, o Direito precisa também explorar suas fontes como sendo peças integrantes de uma linguagem capaz de se adaptar às necessidades que irrompem na sociedade.¹

Francesco Carnelutti, o principal inspirador do Código de Processo Civil italiano, escreveu um livro intitulado *A Arte do Direito*,² publicado nos idos de 1949, em que faz menção de que a arte imita a lei. Segundo ele, todos os autores, tanto das artes quanto do Direito, só conseguem produzir boas obras quando as faz com amor. Nesse livro, ele menciona que o legislador quando faz uma lei o faz de forma racional, já o artista sente com a alma. E se questiona: o que é o Direito? Adverte que Direito e Arte são apenas modos diferentes de enfrentar o mesmo problema. Eu diria que o Direito nasce da vida e a Arte imita a vida. Talvez esteja aí o ponto em comum entre essas duas ciências.

¹ PORCHER JÚNIOR, Roberto Ernani. Direito e arte: Inter subjetividade e emancipação pela linguagem. Disponível em: <http://www3.pucrs.br/pucrs/files/uni/poa/direito/graduacao/tcc/tcc2/trabalhos2006_2/roberto_ernani.pdf>. Acesso em: 6 abr. 2016.

² CARNELUTTI, Francesco. A arte do direito. São Paulo: Pílares, 2013, p. 15. (iBooks).

Camille Paglia, em sua obra *Imagens Cintilantes*,³ afirma que a civilização é definida pelo Direito e pela Arte. Para Kandinsky todas as artes emergem de uma raiz única, diferenciando-se apenas pelo meio de expressão. Enfatizava o parentesco entre a pintura e a música, afirmando que leis enigmáticas e precisas de composição sempre destroem as diferenças, vez que se apresentam sempre como mesmas em todas as artes. Assim dizia observando as correspondências fixadas por Scriabin poder-se ouvir a cor e ver o som.⁴ acessível Entendemos que devemos poder beber de outras fontes que não somente o Direito para que possamos melhor entender o que se passa no universo familiar. Freud, ao concluir seus estudos sobre feminilidade, afirmou que quem quiser saber mais sobre a mulher, que consulte os poetas. Lacan afirmava que “a mulher não existe”,⁵ fazendo referência de que ela é o que não é o homem. Assim, o sexo feminino é definido negativamente em relação ao sexo masculino. Simone de Beauvoir nos dizia que não se nasce mulher: torna-se! É dizer, as mulheres tornam-se o segundo sexo na medida em que elas só se definem a partir dos homens. Ou seja, a própria história criou uma imagem invertida da mulher, como se fosse um reflexo no espelho, em que aparecemos sem poder, sucesso, força, determinação e coragem.

Em 1804, Napoleão Bonaparte decretou o Código Civil francês, em que as mulheres casadas tiveram seus direitos subtraídos. Preciavam de autorização do marido para quase tudo. Napoleão limitou o divórcio somente quando houvesse faltas graves. O marido poderia se divorciar da esposa por adultério. Já ela, só se ele tivesse tido relações com a outra em seu leito conjugal. Ele, quando adúltero, pagava uma multa. Já a mulher adúltera ia para a cadeia. Este Código não permitia que a mulher matasse o cônjuge adúltero, mas o marido traído quando a matasse, os juízes, sempre homens, faziam não enxergar.

No Brasil, o direito das mulheres em escolher seus representantes foi garantido em 1932, por meio do Decreto n. 21.076, do Código Eleitoral Provisório, após intensa campanha nacional. Relembro que até o ano de 1962 a mulher era considerada relativamente incapaz, passando a ter plena capacidade a partir do Estatuto da Mulher Casada (Lei n. 4.121/62). Destaco também que a mulher desquitada (antes da Lei n. 6.515/77), possuía a pecha de mulher fácil, de mulher sem boa índole, ainda que tivesse sido traída no casamento e que por esse motivo ele tenha resultado na separação do casal.

³ PAGLIA, Camile. *Imagens cintilantes*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2014, p. XI.

⁴ REINHARDT, Lilian. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/ensaios/1130018>>. Acesso em: 2 fev.2016.

⁵ LACAN, J. *O Seminário – Livro 20*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p. 24.

Ainda, hoje, a mulher recebe salário inferior aos homens, em muitas situações. Agora não se fala mais em pátrio poder, mas em poder familiar, atenuando um pouco a equivocada nomenclatura que ressaltava a supremacia do pai na família. Desde agosto de 2006, contamos com a Lei Maria da Penha, que visa proteger a mulher no ambiente doméstico. E é neste panorama que pretendemos inserir as mulheres de Chico, sejam elas nominadas ou não.

Lamentavelmente, é preciso dizer que a cada dez minutos uma mulher é estuprada. De acordo com o Sistema de Informações de Agravos de Notificação do Ministério da Saúde (SINAN), há estimativa de que, no Brasil, pelo menos 527 mil pessoas são estupradas por ano, e que apenas 10% desses casos chegam ao conhecimento da polícia. Dessas, 89% das vítimas são mulheres e 70% dos estupros são cometidos por parentes, namorados ou amigos conhecidos da vítima.

O feminino é algo que fascina desde sempre grandes poetas e artistas, assim como os apreciadores de suas obras. A mulher, com seus enigmas, é tema corrente de inspiração das mais variadas formas de expressão artística. Desde o mito grego relacionado a Tíresias – em que Zeus e Hera tentam comparar o gozo feminino ao masculino – até a arte contemporânea – de onde podemos extrair, como exemplo, presente em nosso cotidiano, as músicas de Chico Buarque – o feminino encanta pelo seu traço de enigma. As músicas escritas por Chico Buarque falam do feminino, e falam na voz de uma mulher – ainda que cantadas por um homem – e encantam tantas outras.⁶

Como o universo feminino é bastante complexo, só o direito não é capaz de absorver, compreender e abranger esse todo que se chama mulher. E hoje enfrentamos mais este desafio que é trazer a figura da mulher no direito, para as músicas deste grande poeta chamado Chico Buarque. Direito „DireitoTendo em vista a vasta obra musical de Chico, por óbvio que não pretendemos esgotar o tema, até porque tivemos que escolher apenas algumas músicas suas que tratam da questão do feminino. Destacamos o fato de que quando Chico as nomina, elas passam a ser objeto de desejo daquele que canta, sendo, pois, uma pessoa determinada. Ao contrário, quando quem fala a música é uma mulher, inominada, como *Olhos nos Olhos*, *Atrás da Porta*, *Pedaço de Mim*, é ela quem lamenta a perda do seu amado.

É dessa mulher cotidiana, dessa mulher pertencente a alguma família, dessa mulher guerreira, submissa, sozinha, prostituta, homossexual, invisível, que trataremos hoje, porque as mulheres de Chico são demasiadamente humanas! Importante lembrar a menção de Adélia

⁶ ALBUQUERQUE, Raquel Coelho Briggs de. Além do falo: uma mulher e o gozo feminino. Disponível em: <<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista/revistas/17/P&Brev17Albuquerque.pdf>>. Acesso em: 1º fev. 2016.

Bezerra de Menezes,⁷ de que é no contexto de uma relação afetiva que se flagra o fundamental do feminino.

Começamos pela música em que Chico relata sentimento de vazio, de falta. É a música *Pedaço de Mim*.⁸ Ele revela, com perfeição, as mazelas femininas quando do fim de um relacionamento. A falta se faz tão presente como se o que falta em nós é o que realmente importa, à similitude do que dizia Freud a respeito do Complexo de Castração.

Oh, pedaço de mim
Oh, metade afastada de mim
Leva o teu olhar
Que a saudade é o pior tormento
É pior do que o esquecimento
É pior do que se entrevar [...]

Além disso, menciona nessa canção sobre a dor da perda de um filho quando lamenta

[...] Oh, pedaço de mim
Oh, metade arrancada de mim
Leva o vulto teu
Que a saudade é o revés de um parto
A saudade é arrumar o quarto
Do filho que já morreu [...]

Também se reporta sobre a perda do filho na música *Angélica*,⁹ dedicada especialmente à Zuzu Angel e a morte de seu filho na dita- dura militar:

Quem é essa mulher
Que canta sempre esse estribilho?
Só queria embalar meu filho
Que mora na escuridão do mar

Quem é essa mulher
Que canta sempre esse lamento?

⁷ MENESES, Adélia Bezerra de. Figuras do feminino na canção de Chico Buarque. 2. ed. Cotia-São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, p. 21.

⁸ WERNECK, Humberto. Chico Buarque – Tantas palavras. Escrita por Chico Buarque em 1977/1978. São Paulo: Companhia das Letras, p. 270.

⁹ WERNECK, Humberto. Chico Buarque – Tantas palavras. Escrita por Chico Buarque e Miltoninho em 1977. São Paulo: Companhia das Letras, p. 270.

Só queria lembrar o tormento
Que fez meu filho suspirar [...]

Ela não se conforma com a morte prematura do filho e não se cala contra a ditadura. Contudo, diz-se que no ano de 1976 ela foi emudecida por um atentado sofrido. Contudo, o poeta não permitiu que sua história deixasse de ser contada.

Outra música que trata da relação mãe/filho é *O Meu Guri*,¹⁰ em que demonstra que as mães só mudam de endereço: são todas iguais. Essa canção nos conta a vida de um filho que faz trambiques e a mãe não consegue enxergar sequer a sua morte. Para ela, ele continua sendo um guri trabalhador e dedicado. Como bem ressalta Igor Fagundes,¹¹ ainda que o assunto gire em torno do filho, será do ponto de vista dela que a letra ganha corpo.

Quando, seu moço, nasceu meu rebento
Não era o momento dele rebentar
Já foi nascendo com cara de fome
E eu não tinha nem nome pra lhe dar
[...]
Chega suado e veloz do batente
Traz sempre um presente pra me encabular
Tanta corrente de ouro, seu moço
Que haja pescoço pra enfiar [...]

E nesse universo não poderia deixar de se referir aos casos em que o homem sai de casa, faz a vida dele lá fora, diverte-se, e no final da noite volta pra casa e a mulher o recebe com os braços abertos. Infelizmente, ainda há muitos casos de submissão no universo femi- nino, em que o horizonte são apenas as quatro paredes da casa, não tendo condições de usufruir da amplitude da vida. São mulheres que não estão prontas para o mercado de trabalho, que dependem econô- mica e psicologicamente de seu companheiro.

COM AÇUCAR E COM AFETO¹²

Com açúcar, com afeto

¹⁰ WERNECK, Humberto. Chico Buarque – Tantas palavras. Escrita por Chico Buarque em 1981. São Paulo: Companhia das Letras, p. 318.

¹¹ FAGUNDES, Igor. O meu guri. In: FERNANDES, Rinaldo de (Org.). Chico Buarque, o poeta das mulheres, dos desvalidos e dos perseguidos. São Paulo: Leya, 2013, p. 151.

¹² WERNECK, Humberto. Chico Buarque, Tantas palavras. Escrita por Chico Buarque em 1966. São Paulo: Companhia das Letras, p. 148.

Fiz seu doce predileto
Pra você parar em casa
Qual o quê!

[...]

E ao lhe ver assim cansado
Maltrapilho e maltratado
Ainda quis me aborrecer?
Qual o quê!
Logo vou esquentar seu prato
Dou um beijo em seu retrato
E abro os meus braços pra você

Da mesma forma, a mulher sofredora se mostra e se diz em *Atrás da Porta*,¹³ numa demonstração de fragilidade e medo ao ser deixada por seu amado. Aqui, percebe-se o antagonismo de se arrastar e arrastar, demonstrando um inequívoco jogo de contrastes.

Quando olhaste bem nos olhos meus
E o teu olhar era de adeus, juro que não acreditei
Eu te estranhei, me debrucei
Sobre o teu corpo, e duvidei
E me arrastei, e te arranhei
E me agarrei nos teus cabelos
No teu peito, teu pijama
Nos teus pés, ao pé da cama
Sem carinho, sem coberta
No tapete atrás da porta
Reclamei baixinho
Dei pra maldizer o nosso lar
Pra sujar teu nome, te humilhar
E me vingiar a qualquer preço
Te adorando pelo avesso
Pra mostrar que inda sou tua
Até provar que inda sou tua

Em *Trocando em Miúdos*,¹⁴ Chico aborda o fim do amor, tão comumente encontrado nas Varas de Família, e o faz mesclando sobras e sombras, isto é, o nível material e o propriamente espiritual, efetivando-se a partilha de todo o patrimônio afetivo-cultural que ambos

¹³ WERNECK, Humberto. Chico Buarque, Tantas palavras. Escrita por Chico Buarque e Francis Hime em 1972. São Paulo: Companhia das Letras, p. 196.

¹⁴ WERNECK, Humberto. Chico Buarque, Tantas palavras. Escrita por Chico Buarque e Francis Hime em 1978. São Paulo: Companhia das Letras, p. 282.

dividiam: a fitinha do Bonfim (que traria sorte), o disco do Pixinguinha, o livro do Neruda, a aliança e a esperança.¹⁵

Eu vou lhe deixar a medida do Bonfim
Não me valeu
Mas fico com disco do Pixinguinha, sim!
O resto é seu

Trocando em miúdos, pode guardar
As sobras de tudo que chamam lar
As sombras de tudo que fomos nós
As marcas de amor nos nossos lençóis
As nossas melhores lembranças

Aquela esperança de tudo se ajeitar
Pode esquecer
Aquela aliança, você pode empenhar
Ou derreter

Mas devo dizer que não vou lhe dar
O enorme prazer de me ver chorar
Nem vou lhe cobrar pelo seu estrago
Meu peito tão dilacerado

Aliás
Aceite uma ajuda do seu futuro amor
Pro aluguel
Devolva o Neruda que você me tomou
E nunca leu

Eu bato o portão sem fazer alarde
Eu levo a carteira de identidade
Uma saideira, muita saudade
E a leve impressão de que já vou tarde.

Com a música *Tatuagem*¹⁶ também descreveu o sentimento de uma mulher pelo seu amado, que se doa por inteiro, apesar de não receber este amor na mesma medida.

[...] E também pra me perpetuar
Em tua escrava

¹⁵ MENESES, Adélia Bezerra de. Figuras do feminino na canção de Chico Buarque. 2. ed. Cotia-São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, p. 33.

¹⁶ WERNECK, Humberto. Chico Buarque, Tantas palavras. Escrita por Chico Buarque e Ruy Guerra em 1972/1973. São Paulo: Companhia das Letras, p. 209.

Que você pega, esfrega
Nega, mas não lava [...]

E quando ela chega ao limite do suportável, qualquer situação contrária pode ser a *Gota d'Água* ¹⁷

[...] Deixe em paz meu coração
Que ele é um pote até aqui de mágoa
E qualquer desatenção, faça não
Pode ser a gota d'água [...]

Há momentos em que o amado diz “pra ser feliz e passar bem” (*Olhos nos Olhos*),¹⁸ ocasião em que ela segue em frente, carregando correntes, mas não se entregando ao destino infeliz. Recompõe-se e dá a volta por cima.

[...] quantos homens me amaram bem mais e melhor que você!
Olhos nos olhos, quero ver o que você diz
Quero ver como suporta me ver tão feliz [...]

Outra canção que retrata a vida da mulher guerreira, que tem vários filhos com diversos homens, e que não se afasta de seus sonhos é *A Violeira*:¹⁹

Desde menina
Caprichosa e nordestina
Que eu sabia, a minha sina
Era no Rio vir morar
Em Araripe
Topei como chofer dum jipe
Que descia pra Sergipe
Pro Serviço Militar
[...]
Tem cabimento
Depois de tanto tormento
Me casar com algum sargento
E todo sonho desmanchar

¹⁷ WERNECK, Humberto. Chico Buarque, Tantas palavras. Escrita por Chico Buarque em 1975. São Paulo: Companhia das Letras, p. 220.

¹⁸ WERNECK, Humberto. Chico Buarque, Tantas palavras. Escrita por Chico Buarque em 1976. São Paulo: Companhia das Letras, p. 235.

¹⁹ WERNECK, Humberto. Chico Buarque, Tantas palavras. Escrita por Chico Buarque e Tom Jobim em 1983. São Paulo: Companhia das Letras, p. 350.

Não tem carranca
Nem trator, nem alavanca
Quero ver que é que arranca
Nós aqui desse lugar

Por outro lado, há que mencionar também *Beatriz*,²⁰ a mulher inalcançável. Alguém já lembrou que sem sonhar não se vive. A canção *Beatriz* pode provocar a reflexão sobre em que medida esse sonhar é uma promessa de felicidade vivida na dimensão da vida diária, valorizada enquanto processo, construída na consciência, mas também na fruição do precário, um precário enternecido, entretecido, acalentado; bom é viver, apesar da dor.²¹

Olha
Será que é uma estrela
Será que é mentira
Será que é comédia
Será que é divina
A vida da atriz
Se ela um dia despencar do céu
E se os pagantes exigirem bis
E se o arcanjo passar o chapéu
E se eu pudesse entrar na sua vida [...]

Em *Nina*,²² ele expressa a mulher da atualidade, que conhece apenas pela internet

[...]
Nina anseia por me conhecer em breve
Me levar para a noite de moscou
Sempre que esta valsa toca
Fecho os olhos, bebo alguma vodca
E vou...

²⁰ WERNECK, Humberto. Chico Buarque, Tantas palavras. Escrita por Chico Buarque e Edu Lobo em 1982. São Paulo: Companhia das Letras, p. 326.

²¹ MOUSINHO, Luiz Antonio. Palcos de um planeta: Beatriz. In: FERNANDES, Rinaldo de (Org.). Chico Buarque, o poeta das mulheres, dos desvalidos e dos perseguidos. São Paulo: Leya, 2013, p. 246.

²² Escrita por Chico Buarque em 2010. Disponível em: <http://www.chicobuarque.com.br/letras/nina_2011.htm>. Acesso em: 5 set. 2015.

Também falou de sentimentos entre mulheres na música *Bárbara*.²³ Nessa canção, é a outra mulher da relação que procura por Bárbara e faz referência ao amor das duas.

[...] Vamos ceder enfim à tentação
Das nossas bocas cruas
E mergulhar no poço escuro de nós duas
Vamos viver agonizando uma paixão vadia
Maravilhosa e transbordante, como uma hemorragia [...]

Em *Mar e Lua*,²⁴ o amor entre mulheres também se mostra presente, mas é decantado por uma terceira pessoa que relata a temática da homoafetividade, primeiro com a polarização de mar e lua, e com o decorrer da música, elas se fundem e se confundem.

Amaram o amor urgente
As bocas salgadas pela maresia
As costas lanhadas pela tempestade
Naquela cidade
Distante do mar
Amaram o amor serenado
Das noturnas praias
Levantavam as saias
E se enluaravam de felicidade
Naquela cidade
Que não tem luar
Amavam o amor proibido
Pois hoje é sabido
Todo mundo conta
Que uma andava tonta
Grávida de lua
E outra andava nua
Ávida de mar

E foram ficando marcadas Ouvindo
risadas, sentindo arrepios Olhando
pro rio tão cheio de lua
E que continua
Correndo pro mar
E foram correnteza abaixo
Rolando no leito

²³ WERNECK, Humberto. Chico Buarque, Tantas palavras. Escrita por Chico Buarque e Ruy Guerra em 1972/1973. São Paulo: Companhia das Letras, p. 202.

²⁴ WERNECK, Humberto. Chico Buarque, Tantas palavras. Escrita por Chico Buarque em 1980. São Paulo: Companhia das Letras, p. 302.

Engolindo água
Boiando com as algas
Arrastando folhas
Carregando flores
E a se desmanchar
E foram virando peixes
Virando conchas
Virando seixos Virando
areia
Prateada areia
Com lua cheia
E à beira-mar

E também fez referência à mulher prostituta em *Ana de Amsterdam*.²⁵ Aqui, a mulher é a protagonista e conta sem pudores como sobrevive, seus sonhos e sua realidade.

Sou Ana de vinte minutos
Sou Ana da brasa dos brutos na coxa
Que apaga charutos
Sou Ana dos dentes rangendo
E dos olhos enxutos
Até amanhã, sou Ana
Das marcas, das macas, da vacas, das pratas
Sou Ana de Amsterdam [...]

Em *Folhetim*,²⁶ também fala da mulher que vende o corpo. Contudo, aqui ela se mostra dona da situação, é ela quem detém o poder e que manipula quem lhe paga para ter prazer.

[...] Mas na manhã seguinte
Não conta até vinte
Te afasta de mim
Pois já não vales nada
És página virada
Descartada do meu folhetim

²⁵ WERNECK, Humberto. Chico Buarque, Tantas palavras. Escrita por Chico Buarque e Ruy Guerra em 1972/1973. São Paulo: Companhia das Letras, p. 202.

²⁶ WERNECK, Humberto. Chico Buarque, Tantas palavras. Escrita por Chico Buarque em 1977/1978. São Paulo: Companhia das Letras, p. 259.

Em *A Rita*,²⁷ descreve a mulher que terminou com o relacionamento, destacando-a como mulher prática e resolvida, em oposição ao homem romântico que foi deixado.

A Rita levou meu sorriso
No sorriso dela
Meu assunto
Levou junto com ela
O que me é de direito
E arrancou-me do peito
E tem mais
Levou seu retrato, seu trapo, seu prato
Que papel!
Uma imagem de São Francisco
E um bom disco de Noel

A Rita matou nosso amor de vingança
Nem herança deixou
Não levou um tostão
Porque não tinha não
Mas causou perdas e danos
Levou os meus planos
Meus pobres enganos
Os meus vinte anos
O meu coração
E além de tudo
Me deixou mudo
Um violão

E para encerrar trago a canção feminista, que de forma irônica, nos mostra às avessas, *Mulheres de Atenas*.²⁸ Nesta música há uma enorme crítica à família patriarcal, machista, denunciando a exploração da mulher que ainda se perpetua. Aqui, a vontade da mulher inexistente e mesmo assim, ela saúda o homem a quem acredita que deva servir.

[...] Elas não têm gosto ou vontade
Nem defeito, nem qualidade
Têm medo apenas
Não tem sonhos, só tem presságios
O seu homem, mares, naufrágios
Lindas sirenas, morenas [...]

²⁷ WERNECK, Humberto. Chico Buarque, Tantas palavras. Escrita por Chico Buarque em 1965. São Paulo: Companhia das Letras, p. 143.

²⁸ WERNECK, Humberto. Chico Buarque, Tantas palavras. Escrita por Chico Buarque e Augusto Boal em 1976. São Paulo: Companhia das Letras, p. 233.

Destarte, por meio deste ensaio tentamos demonstrar a importância da Arte na vida e no Direito da mulher brasileira. Ouvindo atentamente as canções de Chico Buarque, talvez o operador do Direito fique mais próximo do mundo feminino do que se debruçando somente nos tratados de direito sobre o tema. A Arte nos instiga ao imaginário, nos lançando ao mundo real. A Arte nos aproxima da vida e por meio dela talvez consigamos enxergar o outro com mais clareza, exercitando nossa alteridade. Direito e Arte devem andar de mãos dadas, a fim de que o ser humano possa ser aceito na sua completude, compreendido e respeitado.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Raquel Coelho Briggs de. *Além do falo: uma mulher e o gozo feminino*. Disponível em: <<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista/revistas/17/P&Brev17Albuquerque.pdf>>. Acesso em: 1º fev.2016.

CARNELUTTI, Francesco. *A arte do direito*. São Paulo: Pilares, 2013 (iBooks).

FAGUNDES, Igor. O meu guri. In: FERNANDES, Rinaldo de (Org.). *Chico Buarque, o poeta das mulheres, dos desvalidos e dos perseguidos*. São Paulo: Leya, 2013.

FERNANDES, Rinaldo de (Org.). *Chico Buarque do Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HOMEM, Wagner. *Histórias de canções Chico Buarque*. São Paulo: Leya, 2009.

LACAN, J. *O Seminário – Livro 20*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

MENESES, Adélia Bezerra de. *Figuras do feminino na canção de Chico Buarque*. 2. ed. Cotia-São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MOUSINHO, Luiz Antonio. Palcos de um planeta: Beatriz. In: FERNANDES, Rinaldo de (Org.). *Chico Buarque, o poeta das mulheres, dos desvalidos e dos perseguidos*. São Paulo: Leya, 2013.

PAGLIA, Camile. *Imagens cintilantes*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2014.

PORCHER JÚNIOR, Roberto Ernani. *Direito e arte: Intersubjetividade e emancipação pela linguagem*. Disponível em: <http://www3.pucrs.br/pucrs/files/uni/poa/direito/graduacao/tcc/tcc2/trabalhos2006_2/roberto_ernani.pdf>. Acesso em: 6 abr. 2016.

REINHARDT, Lilian. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/ensaios/1130018>>. Acesso em: 2 fev.2016.

SILVA, Fernando de Barros e. Chico Buarque. *Folha Explica*, São Paulo: Publifolha, 2004.

WERNECK, Humberto. Chico Buarque – *Tantas palavras*. São Paulo: Companhia das Letras.

WERNECK, Humberto. *Chico Buarque tantas palavras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ZAPPA, Regina. *Para seguir minha jornada* – Chico Buarque. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

